

Colatina: cidade das confecções

Roupas para criança fortalecem a Sadres

A "Sadres Confecções", fabricante de artigos infantis, em Colatina, é a segunda indústria que faz parte do consórcio de exportação de confecções do Espírito Santo, juntamente com a "Otto Confecções".

Quando, começou há 3 anos a "Sadres" tinha três sócios. Eram três contadores formados. A princípio começaram fabricando calças e, durante um certo período do ano de 1979, a produção era bem pequena, pela falta de maquinário e pelo grande congestionamento dessa linha, em Colatina.

Os proprietários perceberam, que era muito difícil competir com as fábricas de calças em Colatina, onde existiam dezenas delas. Por esse motivo, a fábrica ficou parada durante dois meses.

Até que, ainda no ano de 79, eles iniciaram uma nova arrancada na indústria da confecção. Procuraram um mercado que não estivesse muito congestionado e que oferecesse condições de crescimento. Fizeram uma pesquisa no mercado colatinense e perceberam que a produção da linha infantil era bem pequena, pois apenas duas fábricas produziam esse produto.

Com uma concorrência bem pequena na linha infantil, eles iniciaram com 5 máquinas, que produziam em média 450 peças mensais, entre vestidos, jardineiras, macaquinhos, todos de algodão, que eram consumidas pelo mercado interno.

Ainda na época o corte do tecido era feito manualmente, e a partir de uma produção maior, a fábrica foi crescendo gradativamente até adquirir máquinas especializadas para o corte. No princípio a firma adquiriu 4 máquinas para o corte.

CONFEXPORT

Com a entrada na "Confexport", abriu um novo mercado para a fábrica que lhe permitia a

exportação. A "Confexport" — Consórcio de Exportação de Confecções do Espírito Santo — teve início no ano passado. O primeiro resultado desse consórcio para a Sadres foi em janeiro desse ano quando teve início a exportação.

Abriendo um novo mercado e com uma produção maior, que passou a atingir duas mil peças mensais, a exportação começou em janeiro, quando a primeira remessa foi enviada para o Paraguai, cerca de 500 peças.

Com nova abertura no mercado internacional a segunda remessa foi enviada para todo o Caribe, com a remessa maior atingindo 300 peças, para Ilha Margarita. Após atingir o Caribe, duas mil peças foram exportadas para o Panamá.

Essa produção de duas mil peças de artigos infantis, foi destinada para a Zona Franca de Colon, onde cerca de 300 compradores de todo o mundo comparecem diariamente.

Com os primeiros resultados da exportação, a "Sadres" conseguiu arrecadar 16 mil dólares, enquanto a "Otto Confecções", outra firma do "Confexport", atingiu a marca de 60 mil dólares.

No Panamá, onde tudo indica que o mercado se abre com mais exatidão, exatamente na Zona Franca de Colon, a entrada da mercadoria é feita pela "Jeans International S.A.", que abre novos mercados para as firmas que estão exportando.

Hoje, tanto a "Otto Confecções" como a "Sadres", exportam também para todo o Brasil: Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, e todo o Estado do Espírito Santo.

Os proprietários da "Sadres Confecções", Joaquim Henrique Guimarães e Dilmo Aguiar, afirmam que o mercado de confecções em Colatina está muito bom, que mesmo com a crise em outros mercados, a indústria de confecções consegue sair ilesa.

Confexport

Há pouco mais de um ano, o CEAG lançou a idéia da formação de um consórcio para exportação no setor de confecções, uma vez que esse setor se desenvolvia com muita rapidez em todo o Estado, principalmente em Colatina. O CEAG reuniu várias indústrias do ramo de confecções de Colatina, Vitória, Vila Velha e Cachoeiro de Itapemirim.

A princípio realizou diversas reuniões em Colatina, lançando a idéia da formação dessa associação, que ia permitir às empresas uma maior produção, uma vez que iam atender ao mercado externo.

A razão do consórcio, é que uma indústria sozinha, mesmo grande, para conquistar o mercado externo teria que passar por experiências extenuantes de pesquisa, preparação, captura e fechamento final, com despesas tão grandes que não compensaria entrar no setor.

COLATINA

A "Confexport" (Consórcio de Exportação de Confecções do Espírito Santo), começou a funcionar em Colatina em junho do ano passado. Participaram da fundação da "Confexport", nove firmas colatinenses: "Merpa Confecções", "Confecções Mocinha", "Side Confecções", "Jhin's Confecções", "Confecções Calibri", "Cedrus Confecções", "Confecções Flawless", "Sadres Confecções" e "Confecções Otto".

Mas dessas nove firmas que participaram da fundação da associação, apenas duas empresas colatinenses ficaram a "Sadres Confecções" e "Otto Confecções". As duas firmas tiveram as primeiras experiências com a "Confexport", no início desse ano, quando começaram a exportar, a princípio tímidas, mas com o passar dos meses com uma produção bem maior, que levou uma empresa pequena como a "Sadres Confecções", a aumentar o número de máquinas de seis para 11 máquinas.

As primeiras exportações junto a "Confexport", foram para países da América do Sul e Central. A princípio para o Paraguai depois para todo o resto dos países. Depois penetrando no mercado da América Central, para todo o Caribe, em especial para as Ilhas Margaritas. Depois penetrando no Panamá, com mais exatidão a Zona Franca de Colon, uma cópia da Zona Franca de Manaus.

A Zona Franca de Colon, no Panamá, recebe mensalmente mais de 300 compradores diários, de todo o mundo, e o produto colatinense recebe posição de destaque no mercado Panamenho, pelo simples fato dos pedidos aumentarem à cada remessa.

Colatina possui hoje um invejável parque industrial, particularmente no setor de confecções. É um dos maiores pólos industriais de confecções do Brasil, fenômeno que não apresenta razões óbvias ou específicas para justificá-lo. Pode-se fazer uma tentativa. Apenas a hipótese que precisaria de uma análise mais profunda por parte de especialistas no setor.

A existência de um regime quase de monocultura agrícola, no caso do café, apoiado em determinada escala pela criação pecuária e a indústria extrativa de madeira, forçou uma grande região a procurar inspiração para novas atividades que não agrícolas, mais precisamente industriais, daí ocorrendo o lançamento de uma semente por pioneiros que não tinham qualquer experiência no ramo, nem rumos previamente traçados ou quaisquer metas de grandeza.

O terreno no entanto era fértil e a primitiva e quase insignificante semente germinou, transformando-se numa gigantesca árvore, cujos galhos reproduziram-se numa

velocidade fantástica perfazendo um total de mais de uma centena entre micro, pequenas, médias e grandes empresas, todas devidamente registradas e pagando impostos. Elas movimentam grande capital e dão emprego a centenas de pessoas, em regime de não especialização, e que de qualquer maneira concorrem para o movimento de capital, investimentos e colaboração no desenvolvimento de know-how específico.

Neste grande e complexo parque industrial, deparamo-nos com algumas grandes empresas que chegam a faturar um bilhão de cruzeiros por ano e com outras menos cotadas, com meia dúzia de unidades em funcionamento, que se não podem manter um quadro mínimo sequer, registrado, corre no entanto para acrescentar, desenvolver, movimentar, dar emprego e formar o grande núcleo industrial de confecções que hoje é Colatina.

Essas últimas são as futuras grandes empresas do ramo. É nessa categoria de indústria que anotamos a maior concorrência, início

e final de atividades, funcionando como o sol que depende de milhões de toneladas de massa por segundo na combustão do oxigênio mas recebe outras tantas em material estelar capturado na imensidão do universo. Assim, o movimento é discreto, mas constante.

É curioso notar que a grande concorrência não se forma nos moldes tradicionais de concorrência comercial. Isto se explica porque uma ínfima parte da produção permanece e é comercializada na cidade. Todas indistintamente, grandes ou pequenas, tem seus mercados cativos em outros Estados da Federação.

É digno de nota o fato de uma micro indústria, com apenas meia dúzia de máquinas industriais, estar vendendo para o mercado externo. É verdade que foi através da "Confexport" — Consórcio de Exportação de Confecções do Espírito Santo, patrocinado pelo CEAG, de qualquer forma, a conquista dessa posição supõe um trabalho de primeira qualidade e a satisfação de uma infinidade de itens exigidos no rigoroso mercado internacional.

MAZIM CONFECÇÕES

- Cama e Mesa
- Tudo em bordados e aplicados
- Atacado e varejo

R. N. S. Aparecida, 45
Fransilvânia - Colatina
Fone: 722.3163.

Colatina possui um grande mercado para confecções

Começando em 1950 com a "Camisaria Capixaba", a indústria das confecções em Colatina entrou em acelerado processo de desenvolvimento e hoje, apesar das dificuldades crescentes aparecidas no setor, vem se constituindo num forte fator de geração de ICM, e ainda dando emprego diretos e indiretos a muitos cidadãos colatinenses.

Segundo dados oficiais do Sindicato das Indústrias de Confeccões existem 47 indústrias registradas, que empregam diretamente 1.321 pessoas — fora os que tem empregos indiretos, sendo que o capital social inicial destas empresas soma o total de Cr\$ 357.578.601,00. Além destas funcionam umas 20 empresas não registradas.

As diversas indústrias, de acordo com sua pujança, se especializam ou ampliam o leque de seus oferecimentos têxteis. Assim no conjunto das indústrias, são produzidos atualmente calças, tendo como ponto forte as calças "Jeans", blusas, saias bermudas, calções, bordados, camisetas, malhas, confecções infantis em geral, vestidos, camisolas, biquínis, camisas para homens, quimonos, pijamas, jaquetas "Jeans", etc.

A produção é em grande parte exportada para outras unidades da Federação e até para o mercado internacional. Como prova de que o produto é excelente, ele é encontrável em lojas finas e requintadas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza e, além disso, famosas marcas de "Jeans" nacionais compram as confecções daqui e os revendem com as etiquetas de lá.

OTTO CONFECÇÕES

Iniciada em 1965, com máquinas importadas, a "Otto Confeccões" produzia apenas calças e camisas, especialmente voltadas para o mercado do Interior. Tinha nesta época 12 empregados e atualmente tem 320, mostrando que a posterior evolução de seu maquinário não dispen-

sou a mão-de-obra local.

Sua produção atual é de 2.500 peças diárias, o que não ocupa toda a potencialidade de seu maquinário, que é capaz de produzir 10.000 peças diárias. Nos anos de 1976 e 1977 a produção era maior, mas depois caiu devido a problemas no mercado. A produção é em sua maior parte exportada para os mercados do Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará e mercado externo. Agora a indústria está procurando incrementar o consumo interno, tendo aberto sua lojinha própria.

CRESCIMENTO

Segundo o sócio-gerente, José Bassini, o mercado para as confecções colatinenses tem aumentado em cifras, devido à inflação, mas diminuindo em peças, o que nos últimos anos estagnou, o crescimento. Também, segundo ele, crescer atualmente é uma temeridade, devido a instabilidade do mercado. No último ano a colocação no mercado das peças produzidas diminuiu em 20%.

O poder de competição das pequenas e médias indústrias, como é o caso das de Colatina, está diminuindo cada vez mais, ante a penetração no mercado de grandes indústrias de São Paulo e Rio de Janeiro.

O consumidor capixaba também, desde 1979, está sendo prejudicado e atualmente está pagando mais que o do Rio de Janeiro e São Paulo. Isto vem acontecendo desde que, no ano citado, o Espírito Santo, para efeito de tributação, passou a pertencer à área econômica do Nordeste. Naturalmente que num Estado menos desenvolvido o povo é mais pobre e, no entanto, com a nova política econômica, passou a gastar mais para adquirir suas roupas.

Em São Paulo, as indústrias de confecções recebem um crédito sobre o preço final do produto de 16% e paga 9% de imposto. No Espírito Santo, por pertencer à área econômica do Nordeste, é cobrado um imposto de 16%, enquanto que o



A indústria de confecções aproveita a mão-de-obra local

crédito recebido é de 9%. Ou seja, o tiro dado para o desenvolvimento dos Estados da citada região atrasada saiu pela culatra. Como resultado, o Espírito Santo perderá as grandes indústrias — que naturalmente preferirão instalar-se onde o imposto seja menor. A outra consequência será danosa para as indústrias que aqui permanecerem: não poderão competir com as indústrias dos grandes centros que, com imposto mais baixos, e crédito maior, oferecerão produtos a preços mais baixos.

Para a indústria, tanto como para o consumidor, outro grande problema é o aumento constante da matéria-prima (isto quando não há falta dela no mercado), importada que é totalmente do Rio e São Paulo. Somente a linha teve um acréscimo de 124% no período em que o salário aumentou cerca de 40%. O tecido em geral teve a mesma faixa de aumento, com exceção do algodão e dos sintéticos.

CONSUMO

No início da década de 80 o poder aquisitivo do brasileiro teve uma grande queda. Os juros dispararam, prejudicando as vendas a prazo e o consumo dos superfluos diminuiu muito. Ainda assim, as indústrias de confecções se saíram bem, porque o consumidor restringiu a compra de

produtos caros, como televisores, carros novos, e passou a comprar mais roupas. Tanto é que num período em que diversos ramos da indústria atravessavam uma grande crise, as indústrias de confecções cresceram.

Logo porém veio a consequência negativa. Aumentando a demanda, os preços naturalmente subiram. As indústrias de matéria-prima aumentaram os preços, seguidos imediatamente pelas indústrias de confecções e o comércio.

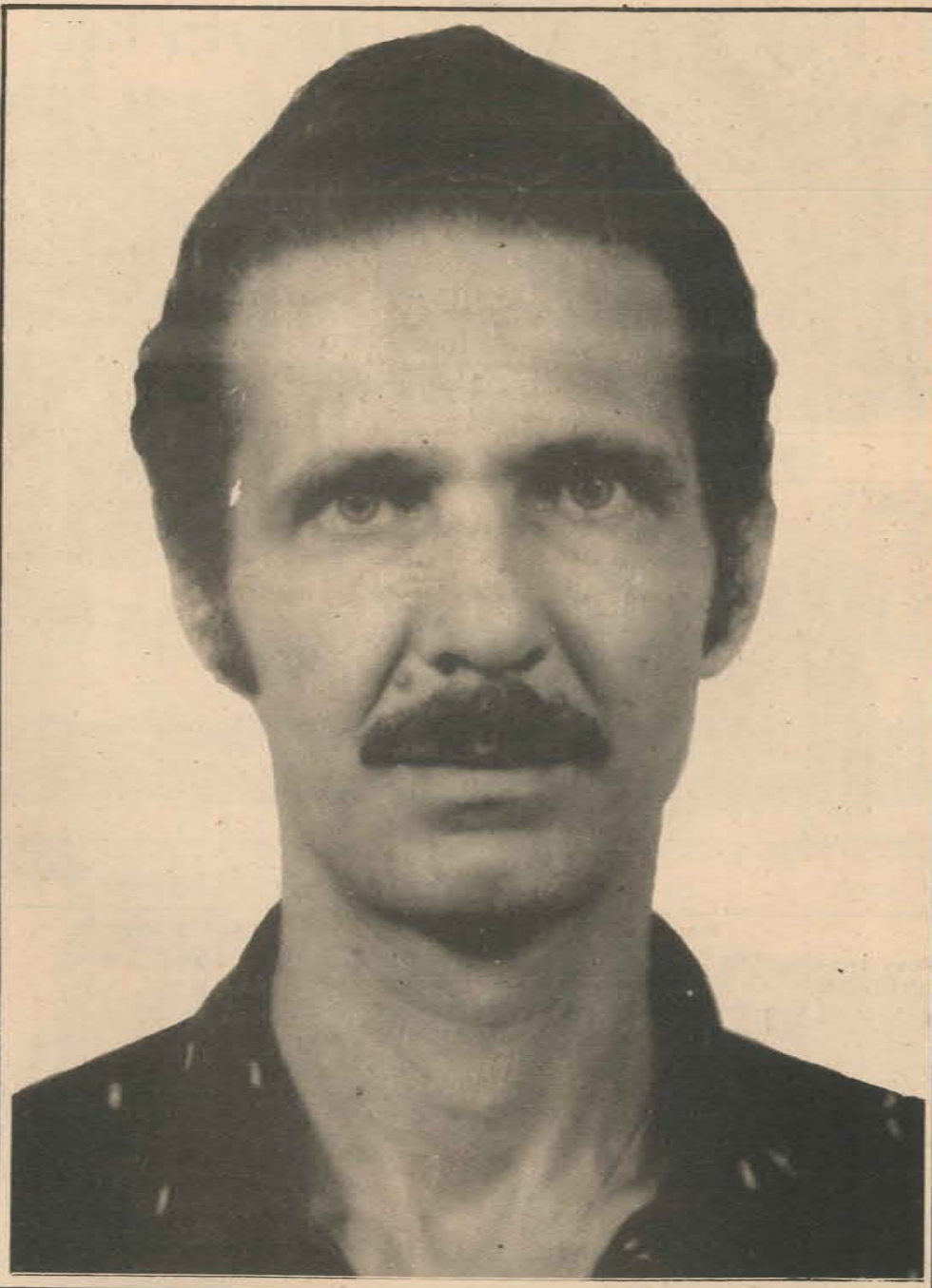
EXPORTAÇÃO

O Governo, para incentivar a recepção de divisas, financia a exportação, mas os industriais brasileiros estão encontrando dificuldades para penetrar no mercado externo devido ao custo industrial de seu produto, que não pode competir com os preços das indústrias de outros países. O tecido "Jean Indigo Blue", em países como o Panamá e a Venezuela, visitados pelo sr. José Bassini, é vendido às indústrias de lá a um terço do preço vendido às indústrias aqui.

O próprio "Jeans" brasileiro é vendido a 2 dólares (um terço do custo aqui) às indústrias de confecções de lá. Em 1978 a "Otto Confeccões" vendia calças para le-

nhadores no mercado sueco a 11 dólares a unidade, obtendo um lucro de 3 dólares por calça. Hoje, os suecos só querem pagar 20,50 dólares por calça, o que dá prejuízo à indústria. Para que se obtivesse algum lucro a calça teria que ser vendida a 25 dólares, preço que os suecos não aceitaram, porque a inflação de lá é menor do que aqui.

Não há custo tributário para a exportação e as indústrias estão liberadas de todos os impostos e fim social. Existe ainda em funcionamento no Brasil o sistema **Draw-back** no qual as indústrias compram a matéria-prima utilizada em produtos para exportação, isenta também de impostos. Mas, como mesmo assim a situação não deu sinais de melhora, os industriais têxteis brasileiros querem que se implante o **Draw-back verde-amarelo** de maneira que se possa comprar a matéria-prima no mercado interno pelo mesmo preço com que é vendido no mercado externo. Desta maneira as indústrias de confecções teriam alguma possibilidade de competir no Exterior e estaria solucionado o problema de se encontrar em outros países produtos brasileiros vendidos mais baratos que dentro do próprio País. Também poderia solucionar o problema de o consumidor brasileiro estar financiando o consumidor estrangeiro.



MENSAGEM

“A CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES AO TRANSCORRER O 61º ANIVERSÁRIO DE EMANCIPIÇÃO POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE COLATINA, SENTE-SE FELIZ EM PARTILHAR DE SUA ALEGRIA NUM CONGRAÇAMENTO UNIFORME DE SUAS ASPIRAÇÕES E NUM ENTRELACAMENTO COMUM DE SEUS IDEAIS. SE MAIS NÃO BASTASSE, ESTÁ CRISTALIZADO O LABOR DO PASSADO, COM A LEMBRANÇA DO PRESENTE, NA PERPETUAÇÃO DO FUTURO”.

VEREADORES

Dr. Henrique Angelo Denicoli
Prof. Sérgio José Silveira de Moraes
Prof. Ladislau Martinelli
Prof. José Carlos Fardin
Hilário Pereira Nascimento
Antônio Wady Jarjura
Reginaldo Rocha
Antônio Carvalho
José Ailton Coradini

MESA DIRETORA

Presidente — Dr. Eraldo Trevizani
Vice-Presidente — Prof. Dinah Gonçalves Corrêa
Primeiro Secretário — Ozéas Ximenes Monte
Segundo Secretário — Elidio Milanez

Nada menos que Cr\$ 310 milhões em obras, a administração municipal tem para mostrar, em Colatina, quando o Município comemora seus 61 anos de emancipação política. Desde que assumiu o governo em 1978, portanto a 4 anos, atrás, o prefeito Devacir Zaché tem mostrado que um trabalho integrado, apesar de escasses de recursos, pode se redundar em muitos benefícios para a comunidade, que na verdade é parte integrante da administração, em todos os sentidos.

O prefeito Zaché procurou em seus quatro anos de Governo dar a Colatina, uma infraestrutura necessária para a solução de graves problemas que afligiam a sede e o interior. A ad-

ministração aceitou desafios dos mais arriscados, construindo obras que sem dúvida alguma, Colatina jamais esquecerá, como é o caso das galerias monstro do centro da cidade e o próprio muro da avenida Beira Rio, em construção.

Trabalhando com fé, dando prioridade aos setores mais carentes do Município, Devacir Zaché e toda a sua equipe não mediram esforços para garantir que os 61 anos de emancipação fossem comemorados à altura. Uma festa está esperando por você. Você é o nosso convidado de honra. Participe.



ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

CÂMARA MUNICIPAL DE COLATINA



Ponte sobre o Rio Doce e Estação Rodoviária

A ponte Florentino Avidos: marco de progresso sobre o Rio Doce

Em Colatina os rios ajudaram o desenvolvimento

A cidade de Colatina é uma cidade irrigada por rios de grande, médio e pequeno volume de água, sendo que vários com nascentes em outros municípios. Alguns têm considerável extensão, destacando-se o Rio Doce — rio da integração Espírito Santo-Minas Gerais — com cerca de 800 km de curso, desde Barbacena (MG) até a sua foz, próximo a Regência, município de Linhares, no Oceano Atlântico.

Os principais rios e seus afluentes são os seguintes: Rio Doce: nasce no Estado de Minas Gerais, entre as Serras da Mantiqueira e do Espinhaço, junto ao paredão da primeira, próximo a cidade de Barbacena, a 2 mil metros de altura. É o maior rio que corta o Estado do Espírito Santo. O Rio Doce, tem mais de 800 km, sendo portanto um dos maiores rios brasileiros. De seu curso, 180 km são em território capixaba. Atinge o Atlântico a 19°33' de longitude Oeste de Greenwich. Aí se lança com tanta violência no oceano que a mais de 6 km se percebe a sua influência.

O curso do Rio Doce, divide-se em 3 partes: Alto Rio Doce — das nascentes à barra de seu grande afluente, rio Piracicaba; médio Rio Doce — da citada barra até receber o Manhuaçu, quase nas divisas entre Minas Gerais e Espírito Santo; e Baixo Rio Doce — da Barra do Manhuaçu até a sua foz no município de Linhares, em Regência.

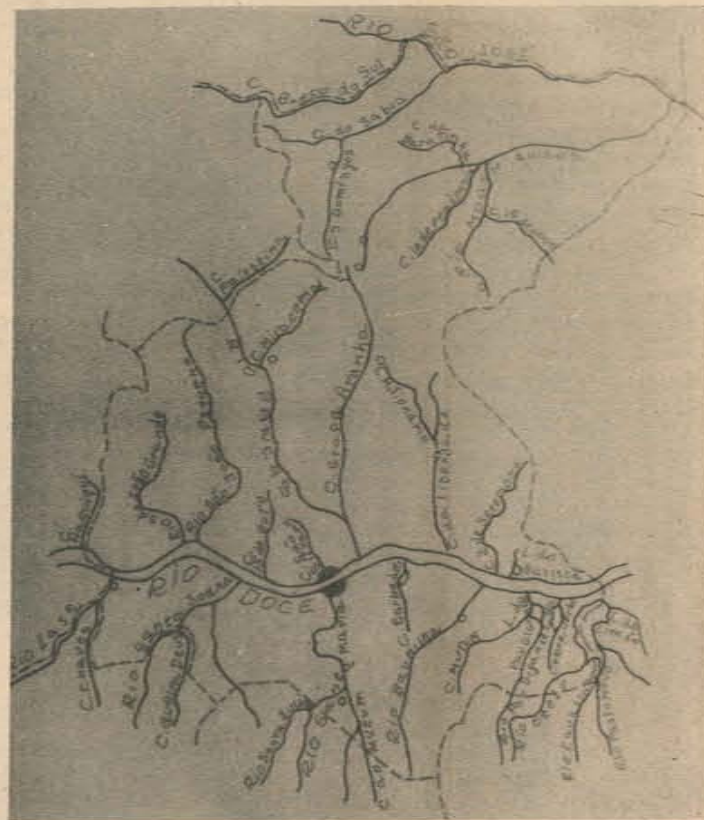
O Rio Doce é um dos mais encachoirados rios brasileiros. No Espírito

Santo, porém, somente no município de Baixo Guandu apresenta trecho acidentado. Abaixo de sua última cachoeira o Rio Doce é navegável por barcos de pequeno calado, de fundo chato. Por ter o leito arenoso e sofrer contínuo movimento de suas areias, a barra do Rio Doce, em Regência, é considerada de difícil prática.

Todos os rios de Colatina, pertencem à bacia do Rio Doce, desaguardo em território colatinense ou fora dele. Os afluentes mais importantes são os seguintes: Rio São José — é o, segundo em extensão e volume de água do sistema hidrográfico do Município. Faz a linha divisória entre Colatina e São Gabriel da Palha, ao Norte. O rio São José nasce próximo a cidade de Mantenópolis. Seu curso atinge o município de Pancas e passa próximo à cidade de São Gabriel da Palha onde se situa a Cachoeira da Onça.

Daí segue até acomodar-se numa grande depressão formando a Lagoa Juparanã, perto de Linhares. A bacia hidrográfica do rio São José é estimada em 2.114 km², representando 3,9% da área estadual. Os principais afluentes deste rio, por sua margem direita, correndo no município de Colatina são: Córrego Braço do Sul, Córrego do Sabiá ou de São Gonçalo e rio Moacyr Avidos.

Rio Pancas: Situa-se em terceiro lugar, sendo afluente da margem esquerda do Rio Doce, como também o é o rio São José. O rio Pancas nasce no município de Pancas, na serra do mesmo nome, na divisa com



A bacia hidrográfica de Colatina é a maior do Estado

Minas Gerais. Deságua no Rio Doce junto a fazenda do sr. Mário Giurizatto, a cerca de 5 km da sede. A bacia hidrográfica do rio Pancas é calculada em 1065 km², representando 1,96% da área estadual.

Rio Santa Maria do Rio Doce — Popularmente chamado de rio Santa Maria. Os geógrafos, porém, lhe acrescentaram **Do Rio Doce** para diferenciá-lo do rio de igual nome que banha a cidade de Santa Leopoldina e vai desaguar na baía de Vitória, e a este, por sua vez, acrescentaram **Da Vitória**. É afluente do Rio Doce, por sua margem direita, tendo as nascentes no município de Santa Tereza, nas vertentes das serras do Limoeiro e da Boa Vista. Depois de acidentado curso, o rio Santa Maria deságua no Rio Doce, no bairro de nome Esplanada, quase que o centro da cidade.

Rio Santa Joana: Também é afluente da margem direita do Rio Doce. Tem suas nascentes no município de Afonso Cláudio, próximo às suas divisas com Santa Leopoldina e Itarana. É igualmente encachoirado. Sua bacia hidrográfica é calculada em 976 km² o que representa 1,80% da área estadual. Seu potencial hidroelétrico é estimado em 300 HP.

Além dos principais rios apontados, deve-se mencionar mais os seguintes afluentes do Rio Doce: pela margem direita — rio Lajes, rio Baunilha, rio João Gigante, rio Cavalinho. Pela margem esquerda: rio São João Grande, rio São João Pequeno, rio ou Córrego 15 de Outubro, Córrego de São Silvano, Córrego Liberdade e Córrego Patrão-Mór.

Vila do Mutum registra um passado progressista

Apesar de ser considerada a mãe de Colatina, ou a "boa papa", a Vila do Mutum, localizada a 14 quilômetros da sede de Colatina, está atravessando a fase mais crítica de toda a sua história. Só mesmo lembranças ficaram dos tempos das grandes colheitas do café, de um comércio próspero e de um serviço de correios em funcionamento.

A Vila do Mutum, tem atualmente cerca de 200 agropecuaristas. Do movimentado comércio de antes sobraram apenas duas vendas. E agora os próprios moradores da localidade não vêem possibilidades de se retomar o processo de desenvolvimento, de ser uma cidade grande, pois já se tornou patente da Grande Colatina.

Para se conhecer a história da Vila do Mutum, é preciso voltar ao fim do século passado. Exatamente no ano de 1896 chegava à região uma leva de imigrantes italianos. Apesar das doenças e do perigo contantes dos animais selvagens, entre outros problemas, ali eles se estabeleceram e criaram as suas famílias.

AÍ POVOAÇÃO

A partir de 1924, já havia uma expressiva produção cafeeira na vila — produção que era transportada para Santa Leopoldina, em tropas de burros. De Santa Leopoldina, o café seguia para o Porto de Vitória, onde era exportado.

Um ano depois surgiria na região o primeiro carro movido a óleo diesel. Quando se iniciava a década de 30 os moradores de Vila do Mutum já dispunham de luz elétrica, telefone, correio e de uma padaria, além de algum comércio. Sempre aos domingos a comunidade lotava a igreja da localidade e as festas eram comemoradas com muita fartura. Até essa época a Vila do Mutum crescia com a arrecadação do café e muitas pessoas começavam a se mudar para a localidade, com promessas de um futuro melhor, o que deixou muito a desejar a partir do ano seguinte.

Os primeiros sinais de decadência da Vila do Mutum se fizeram sentir a partir de 1935. Aí, começou a disputa com a nascente Vila de Colatina, privilegiadamente localizada perto do Rio Doce, que facilitava o escoamento de toda a produção agrícola. Os moradores começaram

a sentir que a Vila do Mutum estava morrendo, aos poucos.

E aos poucos a própria população de Vila do Mutum começou a se mudar para Colatina, especialmente os fazendeiros, levando consigo os seus animais. Os comerciantes com suas famílias. Em 1941, contudo, durante a Segunda Guerra Mundial, as crescentes dificuldades de comercialização do café eram um obstáculo quase que intransponível para o desenvolvimento da localidade.

Quatro anos depois, no ano de 1945, no fim da guerra, a antes progressista Vila do Mutum era um lugar triste, deserto, e sem condições de receber maiores investimentos. A padaria, o correio, o serviço de telefonia, enfim, tudo ia desaparecendo tão rapidamente que a população estranhava que aquela localidade tivesse experimentado tudo aquilo. E naturalmente desapareceu até mesmo o café.

O QUE RESTOU

Hoje, apesar da decadência do local, há ainda quem se mantenha apegado à terra onde se estabeleceram seus antepassados. É o caso de Ernesto Corradi, imigrante italiano de 87 anos, preciosa testemunha de quasetudo que ocorreu na Vila do Mutum.

Ele lembra os bons tempos da vila, em que muitos enriqueceram, época de grandes bailes, ótimas festas. Recordá Ernesto, entre desanimado e triste: "A vila está morrendo — diz — e é lamentável ver isso hoje e comparar com o que já foi. E parece que não existe perspectiva de melhora. Colatina cresceu demais e desviou todo o progresso da Vila do Mutum".

Restam hoje, da antiga vila, a igreja e diversas casas em estilo colonial. É esse patrimônio histórico, um marco da colonização italiana e da produção cafeeira da primeira metade deste século, que precisa ser tombado, sob pena do município de Colatina perder uma de suas maiores riquezas e alguns dos mais significativos de seus bens culturais. Casas novas não são construídas e muitas das antigas estão desocupadas. Ao lado de uma das poucas vendas do local existe um campo de bola de pau. Lá os moradores mais antigos se reúnem para jogar e recordar os bons tempos, que não voltam mais.

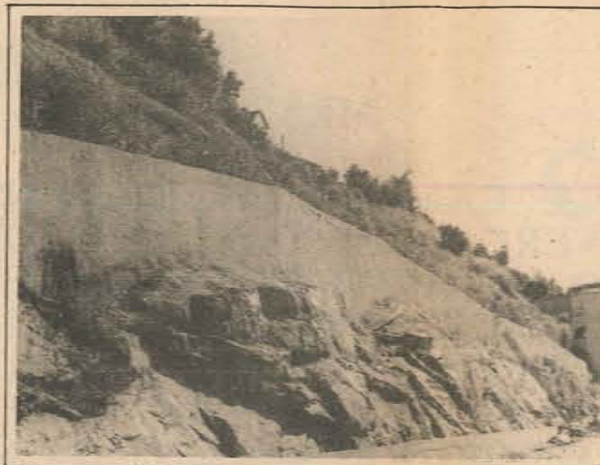
Carta do Prefeito



Estamos novamente atravessando o período de festas que marca todos os anos a passagem de mais um aniversário de nossa querida cidade, que agora se torna sexagenária. Com 61 anos, uma cidade, já se pode dizer, tem uma história e no caso particular de Colatina, uma história de progresso, muito especial, por sinal, dentro do Espírito Santo, apesar das sérias dificuldades encontradas por todas as administrações, desde 1921. De fato, uma topografia acidentada, causando sérios problemas de expansão e erosão em períodos chuvosos; enchentes, que volta e meia estão aí a prejudicar às vezes todo um planejamento municipal; crescentes crises no setor agrícola, sustentáculo básico de nossa economia, ocasionando reflexos negativos no comércio e, por consequência, no orçamento municipal; tudo isso tende a limitar a ação do Executivo Municipal.

Mas não é por isso, que ficaremos de braços cruzados, esperando que do céu caiam soluções. Precisamos trabalhar com os recursos disponíveis, atendendo as áreas prioritárias e no que for possível solucionar os problemas de 2º e 3º escalão. Para isso é que estamos aqui, apresentando o relatório das obras executadas durante este período de 4 anos, com objetividade e verdade, expondo-nos ao julgamento da população. O que foi feito está aí na crueza dos números e o que deixou de ser feito fica por conta daquilo que a sociedade sempre desejou: uma perfeita integração comunitária. Quando todos estiverem conscientes de terem feito o máximo de si mesmos para levar adiante o progresso da coletividade, poderemos ter a base de uma sociedade feliz. Um abraço e boas festas.

DEVACYR MÁRIO ZACHÉ



Muro na rua Guarapari



Muro na Avenida Sílvio Avidos



Escola



Ponte no interior



Galeria do Divino Rei

RESUMO DAS OBRAS EXECUTADAS E EM EXECUÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO DEVACYR MÁRIO ZACHÉ
ATÉ 20 DE AGOSTO DE 1.982

RELAÇÃO DAS OBRAS

OBRAS	VALOR
01 — Construção de 10 ESCOLAS	Cr\$ 05.318.038,10
02 — Reforma de 23 ESCOLAS	Cr\$ 06.101.159,10
03 — Construção de 18 ESCADARIAS num total de 1.196m de extensão	Cr\$ 02.975.419,20
04 — Construção de 342m de CANALIZAÇÃO DO CORREGO S. SILVANO com 91m de cobertura	Cr\$ 10.944.870,00
05 — Construção de 12.073m de DRENAGEM	Cr\$ 45.138.806,70
06 — Construção de 96.372m ² de PAVIMENTAÇÃO	Cr\$ 38.297.300,50
07 — Construção de 10.840m ³ de MURO DE ARRIMO	Cr\$ 50.164.712,80
08 — Construção de 06 PRAÇAS	Cr\$ 02.008.250,00
09 — Construção e Reforma de 27 IMÓVEIS PÚBLICOS	Cr\$ 36.832.110,00
10 — Construção de 10 PONTES DE CONCRETO ARMADO	Cr\$ 11.477.979,70
11 — Execução de 52.300m ² de CORTES E ATERROS	Cr\$ 04.124.450,00
12 — Execução de 13.970m ² de URBANIZAÇÃO	Cr\$ 01.142.460,00
13 — Colocação de 505 BRAÇOS DE LUZE	
8 REDES DE ENERGIA ELÉTRICA	Cr\$ 09.626.129,40
14 — Execução de 127.700m ² de REPOSIÇÃO DE CALÇAMENTO	Cr\$ 09.002.850,00
15 — Construção de 33 PONTES DE CONCRETO COM PLATAFORMA DE MADEIRA	Cr\$ 09.915.792,00
16 — Recuperação de 61 PONTES	Cr\$ 03.327.665,40
17 — Execução de 331.250m ³ de ATERROS DE ESTRADAS	Cr\$ 21.126.900,00
18 — Execução de 48,1km de ABERTURA DE ESTRADAS	Cr\$ 07.072.500,00
19 — Execução de 85,7km de REABERTURA DE ESTRADAS	Cr\$ 03.170.000,00
20 — Execução de 8,310km de PATROLAMENTO DE ESTRADAS	Cr\$ 23.394.460,00
21 — Construção de 3.500m de BUEIROS	Cr\$ 08.332.042,90
22 — Construção e Recuperação de 41 MATA BURROS	Cr\$ 00.790.000,00
TOTAL GERAL.....	Cr\$ 310.283.895,80

Obs. Os valores considerados são os da época da execução.
Colatina, 20 de agosto de 1.982.

ATUAÇÃO DO PRESIDENTE

O vereador Heraldo Trevizane, é presidente da Câmara Municipal de Colatina, e candidato a vice-prefeito pela chapa liderada pelo empresário Nilzo Campostrine. Com uma atuação brilhante frente à Câmara dos Vereadores, Heraldo Trevizane tem como meta atender às reivindicações de bairros junto à Prefeitura.

Heraldo Trevizane é um político com um grande respaldo em Colatina, tendo o seu maior reduto eleitoral no bairro Industrial de Colatina, São Silvano. Desde que assumiu a presidência da Câmara dos Vereadores, Heraldo Trevizane vem tendo uma atuação impecável.

Atendendo a reivindicações para bairros da sede e vários distritos, dando prioridade ao setor de saneamento básico, calçamento, também na área educacional. Trevizane tem uma atuação constante no município de Colatina.

O progresso começou nos anos vinte

AS08699-4

Um notável progresso marcou o início da década de 20 na então vila Colatina, o que ocasionou a sua elevação à categoria de cidade. Esse fato ocorreu na gestão do governador Nestor Gomes, a 30 de dezembro de 1921, de acordo com a Lei nº 1307. O primeiro prefeito da cidade, sede do Município do mesmo nome, foi Virgílio Calmon Ferreira Fernandes.

A princípio as terras do Município ao Sul do Rio Doce eram intensamente povoadas, devido ao comércio que ali começava a se instalar. Depois disso o homem lançou pontas de onda pioneira em direção a região obscura do Município, a norte do Rio Doce. As clareiras aos poucos iam aparecendo em meio a mata cerrada, que ainda era povoada pelos índios botucudos, arredios ao homem branco. Com o passar dos anos o comércio foi criando raízes, com produtos essencialmente de interesses das colônias de italianos e alemães e seus descendentes, que em poucos anos superavam em muito a população de origem nacional.

A cidade ia crescendo gradativamente mas a iluminação pública era praticamente inexistente, sendo servida precariamente por uma instalação da propriedade de um alagoano de nome Francisco Cunha, que utilizava a energia para movimentação de sua serraria. A cidade ficou às escuras, praticamente, até o ano de 1926, quando o Governo adquiriu o primeiro motor gerador para a iluminação pública.

Aos poucos a cidade foi tomando espaço entre as matas, os pioneiros abrindo caminhos para outras regiões, levas de imigrantes chegavam para desbravar a nova terra, tanto que no ano de 1933, Colatina já tinha uma população de 2.500 habitantes e 471 casas. Mesmo com tudo isso, o crescimento da cidade era desordenado em vista da falta de um planejamento urbanístico que determinasse a abertura de avenidas e ruas, sendo que isso era feito de acordo com os surgimentos dos povoados.

A esperança de uma cidade de progresso chegou com a abertura da ferrovia, porém esta foi num sentido longitudinal, que favoreceu a localização de uma avenida central e várias ruas transversais e paralelas, algumas desembocando à margem direita do Rio Doce. O ano de 1934 ficou marcado nos anais da história de Colatina: era o primeiro passo para a urbanização da cidade. Foi iniciada a arborização das vias públicas, bem como o calçamento da primeira rua da cidade, a atual

avenida Getúlio Vargas, na administração do prefeito Justiniano de Mello e Silva.

No ano seguinte, a 1º de janeiro, o mesmo prefeito inaugurava a praça Municipal, hoje a praça 22 de Agosto. Tendo em vista o seu acelerado crescimento, em 1951 foi ampliado o perímetro urbano da cidade, sendo incluídos os bairros de Fransilvania (São Silvano), Vila Lenira e Maria Ismênia, que nos anos seguintes foram de vital importância para a cidade.

Na gestão do prefeito Raul Giuberti, no ano de 1956, foi feita uma série de melhorias na área que é hoje o bairro Lacê, na cabeça da ponte, rumo Norte. Entre essas melhorias estavam o calçamento da praça Almirante Barroso, pequeno trecho da rua Mimoso do Sul, saída para o bairro Maria das Graças e da avenida Dr. Silvio Avidos, que conduz até o bairro São Silvano.

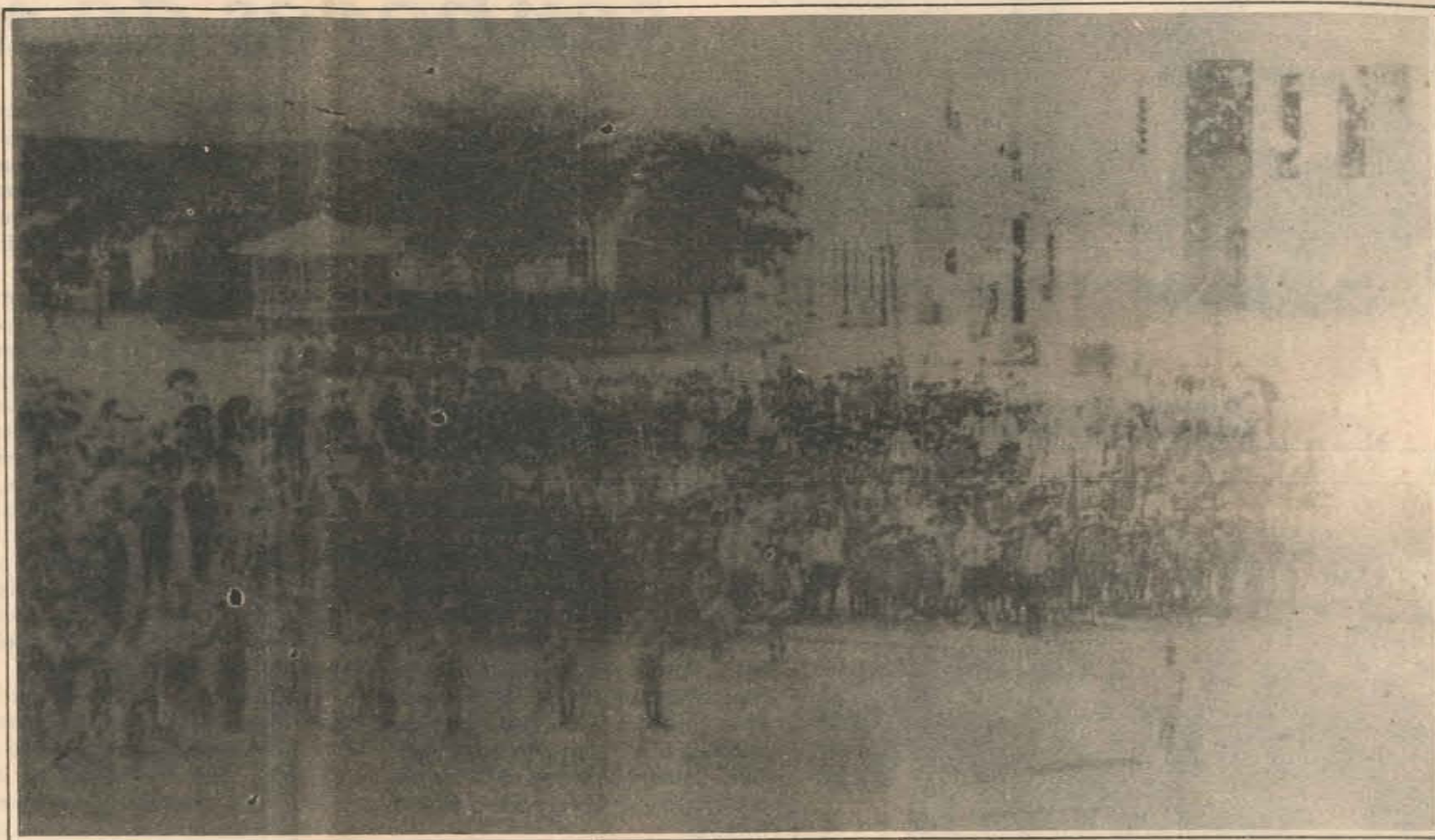
No ano de 1953, na gestão do prefeito Justiniano de Mello e Silva Netto, pela Lei Municipal nº 462, foi aprovado o primeiro plano urbanístico para Colatina. O plano previa a construção do cais do Rio Doce, a reserva de área marginal ao rio para a construção de uma futura avenida, jardim público e a estação ferroviária, a qual só foi construída na gestão do prefeito Syro Tedoldi Netto, às margens do Rio Doce, no ano de 1972.

PONTE FLORENTINO AVIDOS

Talvez o fato mais marcante e decisivo para a conquista do norte do Município, foi a construção da ponte Florentino Avidos, com a sua conclusão no ano de 1928. Com a construção da ponte de 750 metros sobre o Rio Doce, Colatina teve assegurada a sua posição de cidade-entrepasto.

Uma grande onda pioneira concentrou-se neste funil e imediatamente a cidade se tornou o centro dos agenciadores de terras. Com isso teve início o marco inicial da avassaladora conquista do Norte do município de Colatina, possibilitando a abertura de estradas que foram varando as matas e povoados que iam surgindo acompanhando os cursos d'água.

O engenheiro construtor da ponte Florentino Avidos foi Oscar Machado da Costa, o mesmo que construiu a ponte que liga as cidades de Uruguaiana e Passo de Los Libres, respectivamente do Rio Grande do Sul e na província argentina de Corrientes, com dois quilômetros de extensão.



O passado de Colatina está bem registrado pelas fotos acima. São flagrantes de festas cívicas com a participação da comunidade e uma vista da cidade na década de 40



Índios botocudos foram os senhores do norte Rio Doce



O chefe dos Botocudos, Kerognatruk e sua família



Botocudos, do Rio Doce, em Porto Mascarenhas, grupo tomado em 1903

Desde a segunda metade do século XVI até meados do século passado, os índios botocudos eram os senhores da região compreendida entre os rios Doce e o São-Mateus, ao Norte, segundo depoimentos de bandeirantes e viajantes que percorriam o baixo Rio Doce. Também habitavam os índios tupiniquins, do grupo Tupi, numa faixa litorânea bastante extensa. Vários depoimentos dão conta ainda de outras tribos, com as quais os Botocudos estavam constantemente em guerra: Malalis, Cumanachos, Maconis, Machacalis, Patachós, Capuchos, Panhames e outros.

Os brancos que começaram a chegar no novo território deram o nome de Botucudos a índios de várias tribos, como Crenagues, Nac-Nuc, Minia-Jirunas, Gutcraques, Nac-requés, Incutrás. Depois que lhes observaram as características comuns, como o uso do botoque no lábio inferior, ou nos lóbulos das orelhas, o que lhes dava um aspecto horrível.

O botoque era uma rodela de madeira branca, geralmente de paineira, medindo 12 centímetros de diâmetro a qual depois de seca ao fogo, era introduzida por uma espécie de botão no lábio inferior e nos lóbulos das orelhas.

Os Botocudos eram índios fortes, musculosos, de altura mediana, caixa torácica larga e achatada na

parte anterior, tronco alongado, mãos e pés pequenos, pernas finas e pescoço curto. O crânio apresentava fronte baixa e às vezes bastante inclinada para trás, occipital deprimido e as têmporas ligeiramente convexas.

Andavam geralmente nus, mas usavam muita ornamentação corporal, como penas de aves presas à cabeça e outras partes do corpo. Além disso, pintavam o corpo com tinta extraída do urucú e genipapo. Também como ornamento corporal apresentavam colares de sementes ou frutos de cores vistosas, incluindo, às vezes, dentes de macacos e outros animais. A cor da pele variava em tons de pardo, canela-claro e bronzeado. Os cabelos eram fortes brilhantes e negros, sendo usados raspados, como os supercílios.

Até meados do século XIX os índios botocudos foram exclusivamente caçadores: a pesca e a coleta de alimentos ficavam a cargo das mulheres e crianças. Com a proximidade dos invasores brancos, que foram instalando suas propriedades agrícolas, os índios se tornaram salteadores de roças e ladrões de mantimentos e animais de roça.

O arco e a flexa eram suas armas de caça: não usavam canoas e outros tipos de embarcação, entretanto eram hábeis nadadores, muito amantes de banhos. Usavam na sua alimentação, além das caças e

peixes, frutos e raízes e até larvas de certos insetos; a carne de macaco e o mamão verde eram alimentos muito apreciados.

A moradia dos Botocudos era de construção rústica, geralmente feita de palmeiras encostadas aos pares, de rápida feitura, dadas as constantes caminhadas dos membros das tribos, pouco afeitos a se demorarem muito tempo no mesmo lugar.

INÍCIO DA CIVILIZAÇÃO

Com a onda civilizadora dos brancos em seu território, os botocudos resistiram até quando puderam. Alguns grupos foram matando contatos frequentes, diminuindo sua hostilidade, enquanto outros se retiravam para zonas distantes, somente ressurgindo com intenções belicosas ou de rapinagem nas propriedades já instaladas nos primeiros povoados.

Já na segunda metade do século passado, sendo Linhares sede do Município, que abrangia extensa área, cobrindo todo o baixo Rio Doce, a movimentação do grande trecho fluvial, ligando os povoados nascentes, até Baixo Guandu — ponto de afluição de fazendeiros fluminenses e mineiros — e ocorrendo as primeiras tentativas de povoamento das margens norte do Rio Doce, na área fronteiriça à atual cidade de Colatina, os botocudos

tiveram que optar pela sua integração à civilização dos brancos ou retirada permanente da região. Ambas as coisas aconteceram, pois muitos ficaram e muitos foram para outras regiões.

Conclui-se que a corrente pioneira que invadiu o baixo Rio Doce, a partir do final do século passado, plantando propriedades agrícolas ao Sul e Norte do Rio Doce, dando nascimento a povoados — futuras vilas e cidades —, bem como a implantação da Ferrovia Vitória a Minas, já no primeiro decênio deste século, assinalaram o total desaparecimento, por miscigenação, morte ou mudança dos primitivos habitantes da região.

Com o rápido desenvolvimento de Colatina, a partir principalmente de 1921 — ano de sua emancipação política de Linhares — a onda de povoamento da zona Norte se intensificou a partir da construção da ponte Florentino Avidos, em 1928. Foram determinantes que apressaram a absorção, quando não a extinção dos indígenas da região e poucos vestígios deixaram eles de sua anterior presença, notando-se apenas alguns restos de sua cultura material — utensílios abandonados nos lugares onde se demoravam nas suas andanças e correrias, e, talvez nada mais para que se possa estudar a história desses primitivos habitantes do Vale do Rio Doce.

SÉRGIO MENEGUELLI ATRIBUI SUCESSO DO IESBEM DE COLATINA AO GOVERNADOR EURICO REZENDE

Em um ano e seis meses atuando à frente da coordenação do IESBEM de Colatina, o coordenador Sérgio Meneguelli, proporcionou vários melhoramentos na entidade; dinamizando os trabalhos de Núcleo, além de torná-lo conhecido entre a população colatinense.

O sucesso do desenvolvimento do IESBEM de Colatina, o coordenador Sérgio Meneguelli atribui ao apoio que o Governador Eurico Rezende vem dando ao Instituto. Segundo Sérgio Meneguelli, o IESBEM

TRABALHO DO IESBEM

R — O projeto de Colatina desenvolve atividades que abrangem o menor, a família e comunidade. O trabalho com o menor é feito através de faixas etárias, com atividades de acordo com o interesse das respectivas faixas.

Estas atividades tem como objetivo maior proporcionar aos menores a conscientização da vivência em grupo. Com as faixas etárias maiores (13 a 18 anos), realizamos experiências de grupos, através de reflexões de temas que eles vivenciam no seu dia a dia. Realizamos também, através de pessoas da comunidade, instrutores de arte, atividades que possibilitem ao menor o aprendizado de algum trabalho que lhe proporcione recursos financeiros, já que ele contribui de forma decisiva no orçamento familiar. O Instituto atende uma média de 1020 menores diretamente mas ainda há muitos atendidos de forma indireta; número impossível de precisar, já que varia de mês a mês. Neste ano estamos realizando um trabalho direto com as famílias através de visitas constantes, pois, trabalhamos também com seus filhos. Também realizamos reuniões periódicas nas quais são abordados problemas relacionados com seu meio, o



ATIVIDADES DO SIP

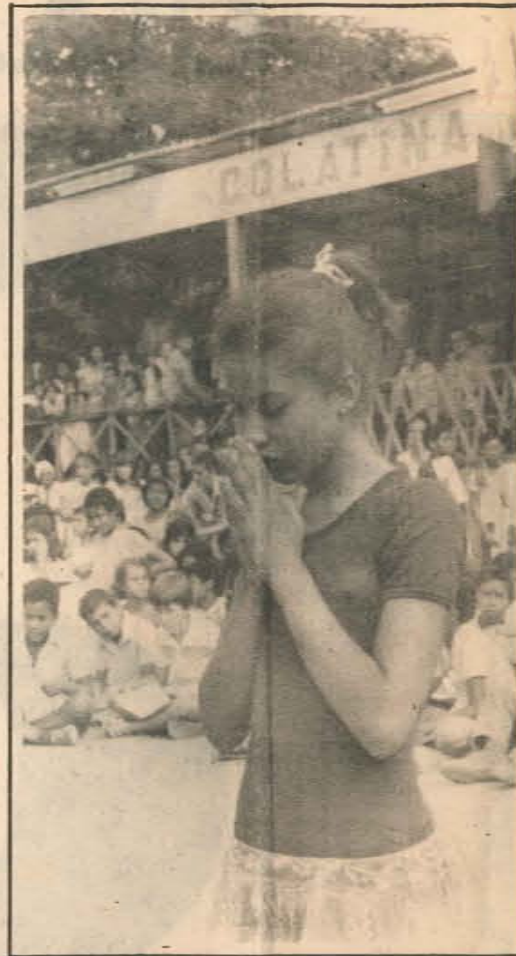
Entre os vários trabalhos executados no órgão de bem estar do menor, o que demonstra um avanço em suas atividades, temos a criação do SIP, ou seja, Serviço de Integração x Profissional, do Menor, que tem como coordenador, Otto Luis, aperfeiçoamento de seis núcleos instalados na cidade, constantes recreações nos finais de semana.

Através do SIP, o IESBEM emprega 80 menores. Este trabalho está sendo feito com o pequeno trabalhador, cujo objetivo é promover o menor através de atividades consideradas informais como: engraxate, vendedor de jornais e posteriormente, na iniciação profissional como reformador de móveis e estofados, de acordo com o cronograma elaborado, pelo seu coordenador Otto Luis.

ao Instituto. Segundo Sérgio Meneguelli, o IESBEM teve um desenvolvimento em ritmo acelerado fazendo com que as pessoas passassem a conviver intimamente, lado a lado como o IESBEM.

com seus filhos. Também realizamos reuniões periódicas nas quais são abordados problemas relacionados com seu meio, o que serve de partida para o desenvolvimento do trabalho comunitário. Este trabalho é aberto a toda a população. Além das atividades citadas, desenvolvemos também atividades junto ao Juizado de Menores, dando assim assistência aos municípios vizinhos de Pancas, São Gabriel da Palha, Baixo Guandú, Mantenópolis e Marilândia, integrantes do projeto de Colatina.

I OLIMPÍADA DO IESBEM



Atividade de menores em praça pública



Menores do Bairro 25 de Janeiro participando da abertura da I Olimpíada Municipal do IESBEM



Corpo de Bombeiros transportando um menor com a tocha olímpica



Presidente do IESBEM, Jamil Moysés, O Prefeito Devacyr Zaché, o Coordenador Sérgio Meneguelli e o Diretor Técnico Sílvio Vitali.



Prefeito Zaché saudando os menores do IESBEM na abertura da I Olimpíada do IESBEM de Colatina Sérgio Meneguelli

Sérgio Meneguelli distribuiu carta aberta a população Colatinense

No dia 15 deste mês, quando saiu do IESBEM de licença por três meses para concorrer a uma vaga na Câmara Municipal, como vereador pelo PDS, o coordenador do órgão em Colatina Sérgio Meneguelli, depois de um ano e meio de luta, está lançando uma carta aberta chamando a atenção da população para o seríssimo problema do menor abandonado.

No texto, o coordenador

do IESBEM de Colatina põe-se no lugar do menor abandonado, como se este menor estivesse falando para a população de nossa cidade. Eis a carta na íntegra:

"Meus caros amigos

Sou criança que vive a vagar por esta cidade, moro embaixo da ponte, no cortiço, nas portas dos restaurantes ou na favela.

Muitas vezes fico olhando para você que passa pela rua e

nas feiras, vendo balas e picolés nas esquinas.

Quem sou?

Sou a criança que não participa da sua festa particular;

A criança que você toca da porta de sua casa ou do seu nem olha para mim, e quando olha, vê-me como pivete e nunca como vítima da injustiça de certos homens. Limpo o para-brisas de seu carro, fumo guimba de cigarro que você deixa cair na rua, faço carreto

estabelecimento comercial.

Sou um rosto qualquer perdido na multidão a procura de mãos que me acolham.

Sou a criança que gostaria de ver seu amor ser praticado.

Hoje escrevo para você esta cartinha, quero apenas me apresentar e pedir sua atenção.

Se você se interessar por mim e quiser saber o que eu preciso, visite o "IESBEM". Instituto Espiritossantense do

Bem Estar do Menor.

É bom lembrar que o menor que se encontra abandonado é a mais dura testemunha de acusação a uma sociedade desumana, onde estão ausentes os valores sociais que privilegiam o homem como fim e não como meio".

Sérgio Meneguelli
Coordenador do IESBEM
de Colatina

Vamos comemorar juntos.

A festa hoje é na terra do café, da madeira, do gado e da indústria de confecções.

Hoje é a festa do povo amigo de Colatina. Um povo empenhado no crescimento e no progresso deste importante município do norte do Estado.

CAMILO COLA

Colatina: seu povo, colonização e história

A barra do Rio Doce vem assistindo às investidas do homem branco em seu território desde o primeiro século de povoamento no Brasil. Segundo o engenheiro e memorialista Ceciliano Abel de Almeida, foram integrantes da frota expedicionária de André Gonçalves, enviada por D. Manuel em 1501 para a exploração de litoral das terras recém-descobertas por Cabral que, a 13 de dezembro desse mesmo ano, divisaram a barra do Rio Doce e deram o nome de baía, ou rio Santa Luzia.

Dezenas de historiadores apontam a antiga baía de Santa Luzia como sendo, na verdade, a atual baía de Vitória. Citando o capitão-de-corveta Verissimo Costa diz Abel de Almeida, que o Rio Doce ficou assim chamado pelo fato de "haverem alguns navegantes portugueses encontrado no mar água defronte deste rio, a seis milhas da barra, que era doce".

De um modo geral os historiadores concordam que as primeiras expedições a se utilizarem do Rio Doce para suas entradas no sertões de Minas Gerais, foram as realizadas por Sebastião Fernandes Tourinho, sobrinho do governador na capitania de Porto Seguro, por volta de 1572 ou 1573. Segundo Salm de Miranda, duas foram as entradas deste sertanista, sendo a primeira de 400 homens, seguindo o curso do rio Jequitinhonha, passando por Araçuí e desde o rio Cricaré (rio São Mateus). Através desse, chegou a Lagoa Juparanã, de onde atingiu o Rio Doce, daí chegando ao Atlântico e retornando a Porto Seguro.

Na sua segunda entrada Tourinho teria penetrado pela foz do Rio Doce, subindo até a barra do Guandu, junto a cachoeira das Escadinhas, na divisa atual entre o

Espírito Santo e Minas Gerais. Por terra alcançou o Rio Doce mais acima, subindo até Suaçuí, onde rumou para a região do Serro Itamarandiba, Grão Mongol e Jequitinhonha, retornando para Porto Seguro.

A partir daí espalhou-se a fama dos sucessos das entradas do Norte, pelas amostras de pedras coradas que foram encontradas (turquesas, turmalinas, safiras e cristais finos).

Numerosas expedições foram organizadas, posteriormente, sendo a de maior interesse a de Marcos Azevedo Coutinho, de 1612 a 1613.

Coutinho seguiu a rota de Tourinho, segundo explica o escritor colatinense, Fausto Teixeira, subindo o Rio Doce até alcançar Suaçuí, de onde retornou trazendo pedras verdes. Dizem alguns autores que ao chegar a Bahia não quis revelar o local de seus achados, vindo a ter fim misterioso nos calabouços de Salvador. Outros historiadores afirmam que não teria chegado a Bahia, e que morreu na viagem de retorno, na Lagoa Preta.

Dessa época em diante, todas as expedições subiam, desciam o Rio Doce, todas a procura de riquezas minerais. Uma das principais foi organizada por Antônio Roiz de Arzão, em 1693, que pelo sertão do Cuieté, com 550 homens, e descendo o Rio Doce, chegou a Vitória.

CICLO DO OURO

As descobertas auríferas em Minas Gerais marcavam o início do Ciclo do Ouro, quando houve uma verdadeira corrida, acarretando enorme afluência de aventureiros financiados em grande parte pelo Governo, ou não. A agricultura e a pecuária foram sacrifi-

cadas a tal ponto que a fome generalizou em toda a região de mineração. Em 1797, uma cartarégia proibiu a exploração das minas e determinava a formação de núcleos de povoamento, em lugares sujeitos ao ataque de outros países.

Nas proximidades da desembocadura do Rio Doce implantou-se um pequeno povoado, Coutins, que era uma espécie de presidio militar. O historiador Lastênio Calmon aponta o ano de 1798 como sendo o da criação do quartel de Coutins, onde se localizou um destacamento comandado por um oficial. Era um posto militar e fiscal, como outros que foram criados a seguir, nas margens do Rio Doce.

Em março de 1800, tomava posse no Governo da Capitania do Espírito Santo, Antônio Pires da Silva Pontes, capitão-de-fragata, que tinha como missão especial promover a abertura e a navegação do Rio Doce.

No mesmo ano, Silva Pontes visitou Coutins e subiu o Rio Doce, conhecendo outros povoados já instalados: Anadia, Porto de Souza e o de Lorena, este último já perto da cidade de Aimorés, onde encontrou o governador da capitania de Minas Gerais, Bernardo José Lorena, acertando a demarcação dos limites entre as duas províncias.

O governador Silva Pontes determinou a realização de um levantamento topográfico do Vale do Rio Doce e, depois deste trabalho, escreveu entusiasmado para o governador da Bahia: "Só o distrito dessa nova capitania das cachoeiras para baixo do Rio Doce, formam a mais bela província das marítimas do Brasil. Tudo isso forma um tesouro daquelas riquezas que não acabam enquanto durar o braço do homem".

Origens da atual cidade e história de seu progresso

A 9 de dezembro de 1899 — 10 anos depois de iniciada a ocupação das terras ao Sul do Rio Doce — o povoado conhecido por "Barracão de Santa Maria", que se localizava onde hoje se estende o bairro denominado Colatina Velha, ganhava a importante categoria de vila e seu nome de batismo: Vila Colatina. A denominação do nome era em homenagem à esposa do presidente do Espírito Santo, Muniz Freire, D. Colatina Muniz Freire.

Segundo informações do professor Ermelando Serefini, citado pelo historiador Fausto Teixeira, no livro Colatina Ontem e Hoje, o primitivo "barracão", que servia para abastecimento dos primeiros povoadores e pertencia ao Governo do Estado, veio a ser propriedade do Coronel Virgílio Calmon. O barracão ficava situado atrás da Igreja de São Sebastião, no atual bairro de Colatina Velha.

No ano de 1892 as primeiras casas iam surgindo. Uma delas ficava onde atualmente existe a propriedade dos Dallapiccola próximo ao Colégio Conde de Linhares, onde se estabeleceu o comerciante Napoleão Bonaparte. O pequeno povoado se espalhou e foi ganhando dimensões até a estreita faixa de terrenos planos, no rumo da barra do Rio Santa Maria, que desaguava nas proximidades do local onde hoje termina a rua Germano Naumann. No local onde desaguava o rio Santa Maria começou a se formar também um pequeno núcleo de população, já nos primeiros anos deste século.

Uma leve lembrança guardada pelo memorialista Ceciliano Abel de Almeida: "Num vargado inundável, durante as cheias desses caudais, formiga uma população constituída de malandrins, descendeiros e jogadores, que habitam barracas desengonçadas. Para ali também afluem marafonas barulhentas, desboçadas e desviadas. Tais magotes de desclassificados improvisam o arrial de duração efêmera, que desaparecerá quando inaugurada a estação para ressurgir noutra parte da linha em construção. Essa legião de indesejáveis, certamente se orgulha de sua capital delinquência, alcunhada de Pinga-Fogo — epíteto condizente com a sua finalidade escandalosa. O morigerado trabalhador da estrada, o garimpeiro honesto e o operário honrado repelem a excreável aldeia, que é um pesadelo para o chefe da Seção".

Segundo o memorialista, que participou da construção da estação, frequentemente aconteciam desordens no amontoado de casebres, com a ocorrência constante de assassinatos, motivados por causa de jogo, agressões, roubos... E lamentava: "... dia a dia, o Pinga-Fogo cresce. O número de seus ranchos transbordam,



Uma festa cívica em frente a antiga Prefeitura



Colatina no início do século

de ferro e que a segue, causando-lhe tormentos, comparava-se com as pragas das muquiranas repulsivas, que delustrava os velhos exércitos acampados. O general Osório conformava-se com a piolheira dos soldados — "peça obrigatória do uniforme"; assim também os chefes de seção condescendiam com os Pinga-Fogos por ser um mal inestirpável".

REVOLTA DO XANDOCA

Depois de se tornar Vila, para ser mais exato em 1916, a Vila Colatina se tornou palco de um acontecimento histórico: a chamada "Revolta do Xandoca", produto da política instituída no governo Campos Sales, que consolidava as oligarquias estaduais, muito mais atentas aos interesses regionais que aos do País, segundo argumenta Fausto Teixeira.

O Coronel Antônio Calmon de No-

vice-presidente do Estado. Por motivos ideológicos, rompeu com seus correligionários e aliou-se a José Gomes Pinheiro Júnior. Monteiro venceu as eleições, mas inconformados, os adversários instalaram um congresso legislativo em Vitória, sob a presidência de Joaquim Guimarães. Não tendo condições de modificar a situação político-administrativa do Estado, a 23 de maio do mesmo ano, Pinheiro Júnior, intitulando-se presidente, o Coronel Alexandre Corrêa Lyrio, na qualidade de secretário do Interior, proclamaram a Vila de Colatina, como capital do Estado, e eles próprios seus governantes.

Pinheiro Júnior, dias depois embarcou para o Rio de Janeiro, deixando o Governo revolucionário nas mãos do "Coronel Xandoca" que manteve a situação até 29 de julho seguinte, quando pressionado pelo Governo legalmente

Desmembramentos têm diminuído Colatina

Por várias vezes, desde que se tornou Município, em 30 de dezembro de 1921, Colatina teve o seu território modificado. Nesta data o Município era o mais extenso do Estado (1/4 da área estadual), com 10.410 km². Sua área foi sendo diminuída gradativamente com o correr dos anos, através de desmembramentos de distritos que passavam para a condição de Municípios. A história da formação territorial de Colatina, através dos anos, foi a seguinte:

Em 30 de dezembro de 1921 — pela Lei nº 1307 — Colatina passa à categoria de Município e absorve toda a área até então pertencente a Linhares, e que hoje compreende os municípios de Baixo Guandu, Pancas e São Gabriel da Palha. A Vila de Colatina passa a condição de cidade e a progressista Linhares, aprofundava-se numa difícil tecla negra de sua história: tornava-se uma simples vila do novo Município.

Quatorze anos depois, no ano de 1935 — pelo Decreto Lei nº 6152, de 10 de abril — Colatina perdia os distritos de Mascarenhas, Afonso Pena e Baixo Guandu, para dar formação ao Município cuja sede ficou sendo este último distrito. Em publicação oficial, a área municipal de Colatina, em 1940, reduzia-se a 9.261 km².

Dez anos depois de Colatina ter perdido grande parte de seu território, pelo Decreto-Lei nº 15.177, a Vila de Linhares retoma sua condição de Município, contando com o distrito de sua sede e o de Regência (antiga Regência Augusta, na foz do rio Doce), segundo publicação da



O mapa do atual município de Colatina

estava reduzida a 4.685 km².

No ano de 1950, Colatina contava com apenas seis distritos: o da sede municipal, de Pancas, Alto Rio Novo, Itapina, Baunilha, e de Poapaba (antigo Mutum). Já no ano de 1956, dado o grande impulso tomado pela zona Norte do Rio Doce, foram criados mais seis distritos: Águia Branca, Lajinha, Marilândia, Novo Brasil, São Domingos e São Gabriel da Palha.

No ano de 1963 — pela Lei nº 1.837 de 21 de fevereiro — foram criados os municípios de Pancas e de São Gabriel da Palha. O primeiro Município formado com os territórios dos distritos de Pancas, Alto Rio Novo e Lajinha, o segundo Município, com a área dos distritos de São

A área municipal de Colatina, após um reajuste de divisas havido com seus novos vizinhos, segundo o "Anuário Estatístico" estadual de 1968, fixou-se em 2.583 km². Ainda em 1963 foram criados mais quatro distritos em Colatina: Angelo Frechiani, Governador Lindenberg (antigo Patrimônio do 51), Graça Aranha e Sapucaia. Todos foram criados pela Lei nº 1.919, datada de 31 de dezembro de 1963.

A mais recente perda de parte de seu território foi no ano de 1980, com o desmembramento do distrito de Marilândia. A partir daí, Colatina, passa a contar com onze distritos: ao Sul do Rio Doce — Boapaba, Baunilha e Itapina, além da sede municipal; ao Norte do Rio Doce, Graça Aranha, Angelo Frechiani, Governador Lindenberg,

nte de assassinatos, motivados por causa de jogo, agressões, roubos... E lamentava: "... dia a dia, o Pinga-Fogo cresce. O úmero de seus ranchos transbordam, porque a mulatagem recebe continuamente novos comparsas. Essa multidão de elementos alheios à construção da estrada

quias etatuais, muito mais atentas aos interesses regionais que aos do País, segundo argumenta Fausto Teixeira.

O Coronel Antônio Calmon de Nogueira da Gama (Coronel Xandoca) era companheiro de chapa de Bernardino Monteiro, figurando como candidato a

Governo revolucionário nas mãos do "Coronel Xandoca" que manteve a situação até 29 de julho seguinte, quando pressionado pelo Governo legalmente constituído, abandonou a vila e internou-se em território mineiro, acompanhado de um grupo de seus correligionários.

sua sede e o de Regência (antiga Regência Augusta, na foz do rio Doce), segundo publicação da SPLAN. Em 1950 a área do município de Colatina

de Pancas, Alto Rio Novo e Lajinha, o segundo Município, com a área dos distritos de São Gabriel da Palha e Águia Branca.

municipal, ao Norte do Rio Doce, Graça Aranha, Angelo Frechiani, Governador Lindenberg, Novo Brasil, Sapucaia e São Domingos.



ÓTICA BELA VISTA
ÓTICA COLATINA
ÓTICA RIO

O GRUPO NILTON LINHALIS

congratula-se com todo o povo colatinense e vê com bons olhos o desenvolvimento de Colatina nesta passagem de mais um aniversário da cidade.

Ótica Bela Vista (João Neiva e Colatina)
Ótica Colatina (Colatina)
Jóias, relógios, óculos e artigos
para presentes - Fábrica própria de lentes
Av. Getúlio Vargas, Colatina (ES)

CASA DO CRIADOR



COLATINA-ES

- Produtos Agrícolas e Veterinários
- Rações e defensivos
- Sementes de milho, feijão e hortaliças.

Parabéns Colatina pela passagem de seu aniversário.

Av. Getúlio Vargas, 439 - Colatina (ES)
Fone: 722.2082/722.0056.

Dalla faz campanha para governo em 1986

O vice-líder do governo no Senado Federal, o colatinense Moacyr Dalla, já se encontra em franca campanha eleitoral para concorrer ao cargo de governador do Estado em 1986, depois que terminar o seu mandato: — "Minha campanha para a sucessão estadual começou há muito tempo e agora esse processo só tende a ser acelerado".

O senador Moacyr Dalla disse que depois de sua eleição em 1978, visitou quase todos os municípios do Estado, mantendo contatos com lideranças municipais e correligionários, manifestando um grande interesse em disputar a sucessão estadual em 1986, interesse esse muito bem recebido, por todos os visitados, em todos esses anos.

Segundo o senador, "a política nacional e colatinense vai muito bem. O governo vem fazendo o possível para ajudar a todos e acho que estamos conseguindo nosso objetivo que é o de atingir a todas as camadas da sociedade brasileira" — disse.

O senador Moacyr Dalla, citou três grandes vitórias conseguidas para o Espírito Santo na Sudene, a equiparação do ICM com os estados do Nordeste e a equiparação do preço do café capixaba com o do Estado do Paraná.



Dalla quer Governo do ES em 1986

Empresário e advogado disputam sucessão

O empresário Nilzo Campostrine e o advogado e ex-prefeito Paulo Stefenoni são os dois candidatos à sucessão municipal pelo PDS, em Colatina. Eles foram lançados em convenção que foi realizada no Iate Clube de Colatina, no último dia 4.

Nilzo Campostrine obteve 34 votos dos convencionais, enquanto o ex-prefeito Paulo Stefenoni recebeu 23 votos. Para vice-prefeito foram indicados respectivamente, o presidente da Câmara Municipal, vereador Heraldo Trevizane e o fazendeiro João Batista Vermelho.

O quarteto do PDS tem um inimigo comum, ou seja, derrotar os candidatos da Oposição, pois tanto o PMDB, como o PT e o PDT, lançaram seus candidatos à sucessão municipal.

Os dois candidatos a prefeito e seus vices têm seus redutos eleitorais quase que idênticos. O empresário Nilzo Campostrine, tem seu mais forte apoio na zona rural, devido ao fato de ser fazen-

deiro, conta também com um grande apoio da cidade, se bem que em menor escala. Já o seu vice, Heraldo Trevizane, tem o apoio na zona urbana, com reduto eleitoral no bairro de São Silvano.

O advogado e ex-prefeito Paulo Stefenoni, tem o seu maior apoio na zona urbana, e com um pouco de vantagem na zona rural, devido ao fato de já ter sido prefeito de Colatina. Já o seu vice, João Batista Vermelho, tem o seu maior apoio na zona rural, tendo um forte reduto eleitoral no distrito de Graça Aranha.

NILZO CAMPOSTRINE

De um lado, o empresário Nilzo Campostrine, afirma que sairá vencedor em 15 de novembro: — Vamos ganhar as eleições em 15 de novembro e com uma certa tranquilidade, afirma ele.

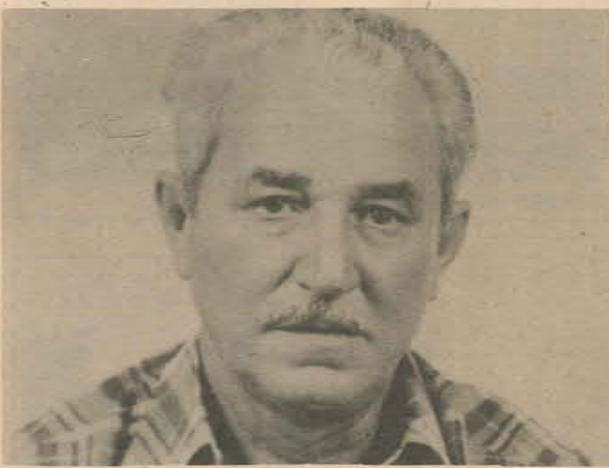
Nilzo está tranquilo, mesmo tendo o PMDB lançado três candidatos, pois segundo ele, nenhum dos três candidatos do PMDB

pode penetrar na sua área: — São áreas diferentes, portanto os votos serão diferentes e isso me dá uma certa tranquilidade de garantir a vitória.

PAULO STEFENONI

Por outro lado, o advogado e ex-prefeito Paulo Stefenoni, acredita que também sairá vencedor nas urnas em 15 de novembro: — Vamos ganhar as eleições em 15 de novembro, pois estamos lutando para que isso aconteça.

Stefenoni está tranquilo quanto a sua vitória e frisa que o inimigo, a Oposição mais forte em Colatina, o PMDB, não sairá vencedor, mas contudo Stefenoni poderá ter um outro candidato penetrando em sua área. Trata-se do médico Sérgio Ceotto do PMDB, que lançou a sua candidatura no último momento e surpreendeu a todos em Colatina, pois a princípio o PMDB só lançaria dois candidatos.



O empresário Nilzo Campostrine



O ex-prefeito Paulo Stefenoni

Em Pancas a situação do PDS é tranquila

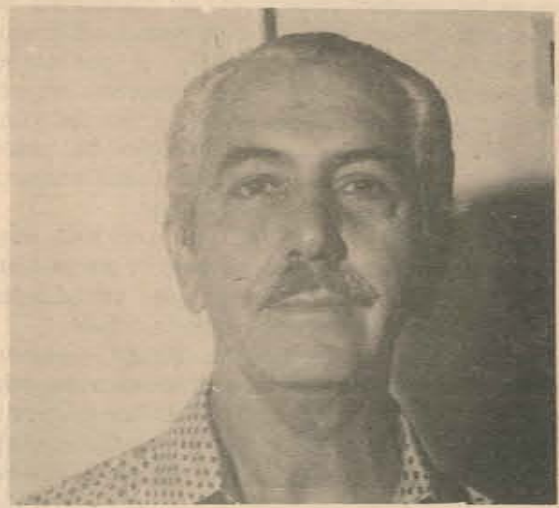
O candidato à sucessão municipal pelo PDS do município de Pancas, Bicharra Silly Brandão, afirmou que considera tranquila uma vitória ampla do seu partido naquele Município, pois os eleitores estão conscientes de seus candidatos nas eleições de 15 de novembro.

Bicharra Silly Brandão, ex-vice-prefeito do atual prefeito, Wallace dos Santos Alcurrre, é candidato único pelo PDS, enquanto vai concorrer ao cargo contra três do partido da Oposição, o PMDB, garantindo com certa tranquilidade que a vitória está assegurada: "Vamos ganhar com certa tranquilidade aqui dentro de Pancas e nos distritos".

Bicharra Silly acredita que dos quase 13 mil eleitores do município de Pancas, ele terá a esmagadora votação de 50 por cento, enquanto os candidatos do PMDB, terão de dividir os restantes dos votos.

Sobre seu programa de Governo, caso eleito a prefeito municipal, Bicharra pretende dar continuidade ao programa de Governo efetuado pelo prefeito Wallace dos Santos Alcurrre: "Wallace está fazendo uma excelente administração, talvez a melhor, e eu pretendo dar continuidade ao seu trabalho, acima de tudo e de qualquer maneira".

Bicharra Silly afirmou ainda que o PDS deve ganhar as Prefeituras de quase todo o Estado, principalmente no município de Colatina, onde o PDS, segundo ele, está muito forte e bem preparado. Acredita também na eleição tranquila do candidato a governador, Carlito von Schilgen.



Bicharra Silly acredita na vitória

CLAUDIA CONFECÇÕES E ARMARINHO

- Agradece a preferência
- Agora com crédito próprio
- 3 vezes sem juros
- Artigos para presentes

FONE: 722.5100

Praça Regina Frigeri Furno, 94 - Loja 2
Jardim da Penha - Vitória (ES)
Rua Independência, 26 - Colatina (ES)

PARABÉNS COLATINA, A PRINCESA DO NORTE.



LIVRARIA BRASIL LTDA.

a maior organização papelreira do estado do esp. santo

Av. Getúlio Vargas, 153 - Colatina
Rua Barão de Itapemirim, 193 - Vitória





O advogado
Lézio Satlher

O médico
Sérgio Ceotto

Oposição lança três candidatos à sucessão

O Partido do Movimento Democrático Brasileiro — o PMDB — de Colatina lançou três candidatos à sucessão municipal: trata-se do advogado e professor Lézio Satlher, do médico Sérgio Ceotto e do médico Tadeu Giuberti. Para vice dos três foi indicado o empresário Ivanildo Zanotelli.

O partido ia homologar apenas os candidatos Lézio Satlher e Tadeu Giuberti. Mas no último dia o médico Sérgio Ceotto lançou a sua candidatura também a sucessão municipal e somente por influência do candidato ao governo do Estado, Gerson Camata, é que o médico Tadeu Giuberti não renunciou a sua candidatura.

Os três candidatos disputam em igualdade de condições, mesmo que os três neguem ao mesmo tempo, cada um acreditando em sua eleição. Mas mesmo com um pouco de radicalização entre as três correntes do PMDB colatinense, eles afirmam que o inimigo comum é o PDS, "que deve ser derrotado".

LEZIO SATLHER

Lézio Satlher, nunca ocupou um cargo político em Colatina. É professor e advogado, conta com o apoio de seu sogro, Odilon Niehio, um dos políticos com mais respaldo político atualmente em Colatina.

Segundo Lézio Satlher a sua eleição está assegurada, pois o povo quer mudar, quer idéias novas: "Acho que em 15 de novembro todos vamos ter uma resposta e vamos ganhar as eleições com uma certa tranquilidade, pois estamos lutando para isso e estamos recebendo manifestações de solidariedade desde há muito tempo, o que nos dá a garantia de uma vitória".

TADEU GIUBERTI

Tadeu Giuberti, é filho do falecido ex-senador da República e ex-prefeito de Colatina, Raul Giuberti. Nunca ocupou um cargo político em Colatina, mas notadamente é um dos mais fortes concorrentes, devido ao fato de grande parte dos correligionários de seu pai continuarem a apoiá-lo.

Tadeu também garante que está tranquilo quanto a sua vitória em 15 de novembro, mas frisa que não precisa da prefeitura para sobreviver. Vai disputar porque tem aspirações políticas e para cumprir um grande desejo de seu pai: "Vamos concorrer em 15 de novembro para ganhar e estamos tranquilo em relação a esta certeza".

SÉRGIO CEOTTO

Sérgio Ceotto, médico há muitos anos em Colatina, também é considerado um forte candidato a prefeitura. Nunca ocupou um cargo político em Colatina. Ceotto, que era delegado do partido, lançou a sua candidatura sem ninguém esperar causando um grande impacto.

Ceotto também afirma que sairá vencedor nas urnas em 15 de novembro, pelo trabalho prestado a comunidade durante todos esses anos: — Acho que agora é o momento em que todos devem reconhecer, e quanto a esse fato estou tranquilo pois vamos sair vitoriosos — afirmou ele.

Jaraim da Penha - Vitória (ES)
Rua Independência, 26 - Colatina (ES)

ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PROBLEMAS SÓCIO-ECONÔMICOS KAROL WOJTYLA

Convida todos para uma visita à Barraca
da Associação *Karol Wojtyla*
na Feira Distrital de Colatina.

*"O Homem sábio não censura;
ensina pelo exemplo".*

Departamento de Imprensa e Divulgação
Fone: 722-0237



POSTO HOTEL CHURRASCARIA GIRASSOL

POSTO HOTEL E CHURRASCARIA
GIRASSOL ATRAVÉS DE SEU
SÓCIO-GERENTE IVANILDO
ZANOTELLI CONGRATULA-SE COM
O POVO DE COLATINA
PELA PASSAGEM
DE SEU 61º ANIVERSÁRIO

Av. das Nações, 852. - Colatina

FLAWLESS - Confecções Indústria e Comércio Ltda.

Colatina completa 61 anos
de emancipação política
e a FLAWLESS orgulha-se de
participar do desenvolvimento
do município.

Av. Silvio Avidos, 2001 - 2º andar São Silvano
- Colatina (ES) Fone: 722.0774.



FACULDADE DE DIREITO DE COLATINA

A FADIC -

**Faculdade de Direito de Colatina
cumprimenta professores, alunos
e toda a comunidade colatinense
pela passagem desta data festiva.**

Rua Guarapari, 2787 -
Bairro Dom Bosco - Colatina (ES)

ZENAIDE CONFECÇÕES

- Enxovais Finos
- Roupas em Geral
- Bijuterias
- Artigos para Presentes

Para maior comodidade da clientela
ZENAIDE CONFECÇÕES
tem novo endereço:
Av. Getúlio Vargas - 167.

Parabéns, Colatina,
pelo seu
aniversário.

FRISA

**Frigorífico Rio Doce S.A.
congratula-se com o povo
colatinense pela passagem do
61º aniversário da
Princesa do Norte.**

Matriz: Bairro Prefeito Honório Fraga
Colatina (ES) - Fone: 722.1011
Filial: Niterói (RJ) - Fone: (021) 719.4255.



FRISA - FRIGORIFICO RIO DOCE S.A.

Colatina parou para ver passar o seu último trem

No dia 24 de outubro de 1975 toda a cidade parou para ver o último trem passar, pela linha férrea que tanto o colatinense estava acostumado. Estavam na cidade o ex-ministro dos Transportes Dirceu Nogueira, o ex-governador Elcio Álvares, diretores da Companhia Vale do Rio Doce, secretários de Estado e lideranças políticas. O motivo das presenças era a inauguração da variante da Estrada de Ferro Vitória a Minas, que marcava a retirada definitiva dos trens do centro da cidade.

Com mais de meia hora de atraso chegava a Colatina uma composição especial, procedente de Vitória, sendo recebida por um grande público que prestigiava o acontecimento. Milhares de pessoas se comprimiam na plataforma de desembarque para receber as autoridades visitantes.

O prefeito de Colatina, na época Paulo Stefenoni, abriu as festividades discursando na plataforma da nova estação. Na oportunidade ele destacou a íntima ligação entre Colatina e a CVRD, o que tornou possível o avanço da cultura e do progresso em benefício do povo da Princesa do Norte. Foi feito um breve retrospecto, sobre a construção da ponte Florentino Avidos, como um avanço e uma abertura para todo o comércio do Norte do Estado.

O então presidente da CVRD, Roquete Reis, considerou a importância do desvio como de um profundo sentido social, em decorrência das dificuldades que os trilhos ocasionavam no centro da cidade.

O ex-ministro dos Transportes, Dirceu Nogueira, destacou a importância social e urbanística da obra que acabava de ser inaugurada. No final das festividades, quando as autoridades retornaram no trem especial da CVRD, este tomou o rumo da antiga estrada e penetrou lentamente em Colatina, apitando insistentemente.

O adeus ao último trem marcou profundamente todo o povo de Colatina. Em toda a extensão da av. Getúlio Vargas, os populares acenavam diante da passagem pela última vez do trem pelo centro da cidade. E em quase todas as janelas dos edifícios saíam vivas e acenos de lenços. Nas ruas vários grupos de samba se organizaram com seus instrumentos, e o som era distribuído para toda Colatina através de alto-falantes. Minutos depois da partida do trem, seis caminhões estacionavam na av. principal. Eles traziam barris de chope oferecidos pelo comércio local, em conjunto com a Prefeitura, para serem distribuídos à população colatinense.



De qualquer maneira a linha férrea foi marco de progresso local



Os trilhos do trem ao longo da cidade na década de 20

O café é a principal lavoura de Colatina

Desde que passou a condição de Município e teve a sua emancipação política no ano de 1921, a base do desenvolvimento comercial de Colatina é o café. Em torno dele gira todo o movimento de dinheiro da cidade, o ICM (Imposto de Circulação de Mercadoria) aumenta consideravelmente e a maior prova disso é que no período da safra (normalmente entre maio e agosto), as vendas em todos os setores aumentam mais de 80%.

O café ocupa lugar de destaque na história do comércio de Colatina, como se participasse da própria vida do colatinense. E sem dúvida alguma o principal meio propulsor de seu desenvolvimento. Os comerciantes, de um modo geral, reconhecem que se o café está com um bom preço, existe garantia de comercialização e um bom índice de vendas. Mas caso contrário todo o setor cai assustadoramente.

Segundo os comerciantes de café Odilon Nicchio e Paulo Pancieri, os atuais preços do café estão muito bem preparados para satisfazer ao produtor. A cotação do mercado de café no mês de julho foi de Cr\$ 9 a 11 mil o conilon e Cr\$ 11 a 12.200 o arábica. Segundo Nicchio a cotação está boa e na safra os lavradores estão vendendo as suas colheitas.

Quase que em sua maioria todo o café comprado por comerciantes de Colatina é levado para Vitória, para os exportadores. A base da economia colatinense, o café vem desde muito tempo sendo de vital importância para o Município, por causa do ICM aqui deixado, e pelo fato de gerar milhares de empregos, e principalmente, o movimento do capital de giro que a comercialização aqui deixa.

Mas se de um lado a comercialização do café gera recursos para milhares de pessoas, por outro lado, eles também tem as suas preocupações e uma dessas do comércio de café é a BR-259, que liga Colatina até a cidade mineira de Governador Valadares. A rodovia teve suas obras paralisadas em 1981, no trecho Colatina-Baixo Guandu, e até hoje continua paralisada, apesar das promessas do Governo no sentido de recuperá-la. Como a rodovia está em péssimas condições de tráfego no território espírito-santense, a cidade de Colatina está perdendo aos poucos um grande mercado consumidor, que é a faixa compreendida entre Baixo Guandu e Governador Valadares.

Esta faixa de rodovia compreende importantes cidades como Aimorés, Itueta, Conselheiro Pena, Resplendor e Itumiritinga. A falta de estrada viável para o transporte e comercialização do produto está causando preocupação a todo o comércio de café de Colatina.

Indústria de madeira exterminou as matas

No ano de 1920 toda a região urbana de Colatina era coberta por densas matas que se estendiam pelas margens dos rios Doce e Santa Maria e pela região Norte, no sentido Nova Venécia. Passados 10 anos a região começou a mudar, a começar pela exploração da madeira que vem sendo executada há muitos anos devido às extensas matas que cobriam toda a região.

Segundo o cientista Augusto Ruschi, do museu de Biologia Mello Leitão (Santa Tereza), na época que o príncipe Maximilian visitou o Espírito Santo, (1860), o território capixaba possuía 85% de sua área ocupada pelas matas. Quanto a Colatina até meados do século passado todo o Município estava coberto de florestas. Em 1950, quando a "Estrada de Ferro"

Colatina conta com o apoio da Polícia Militar

A Primeira Companhia do Segundo Grupamento da Polícia Militar

Restaurante "Drink": orgulho de Colatina

A Primeira Companhia do Segundo Batalhão foi transferida para a cidade de Colatina no dia 25 de fevereiro de 1976, passando a condição de Subunidade Destacada, com responsabilidade Administrativa e Operacional sob os municípios de Colatina, Baixo Guandu, São Gabriel da Palha e Pancas e subordinação direta ao 2º BPM, sediado em Nova Venécia.

Instalou-se em 25/02/76 na cidade de Colatina, nas antigas instalações de um Posto de Saúde Federal, tendo como Cmt. o 2º Ten. PM, Newton Roberson Maia, sendo o Cmt. do 2º BPM, o Maj. PM O'Rely Liryo. Em 1º de junho de 1978 assumiu o comando da SU o Cap. PM Paulo Deorce, sendo o Cmt. do 2º BPM o Maj. PM Leônidas da Cunha.

No final de agosto de 1980, cogitou-se pela reforma do antigo prédio onde fora localizada a Delegacia Municipal, com o objetivo de instalação da 1ª/2ª BPM e um grupamento de combate a Incêndio do Corpo de Bombeiros da PMES, sendo que no dia 13 de setembro de 1980, foi iniciada a citada reforma, com o apoio do Rotary Clube, Lions Clube, Prefeitura Municipal e do comércio local e a mão-de-obra efetuada pela Polícia Militar.

Foi organizada uma comissão que ficou sob a coordenação geral do sr. Fernando Gomes. Em fevereiro de 1981 assumiu o Comando do 2º BPM, o Maj. PM Willis Junquilha, e continuou a apoiar a reforma das obras do referido prédio. Em 29 de janeiro de 1982 o Cap. QOPM, Paulo Deorce, foi substituído passando então o comando da SU para o Cap. QOPM Ronaldo Moreira Machado.

No dia 22 de abril de 1982, foi efetuada a mudança da sede da 1ª/2ª BPM do prédio do Posto de Saúde Federal, para as novas instalações, no antigo prédio da Cadeia Pública. No dia 24 de abril de 1982, foi efetuada a inauguração das novas instalações da 1ª Companhia do 2º Batalhão e do

Grupamento de Combate a Incêndio do Corpo de Bombeiros. A solenidade de inauguração teve início às 9 horas com a chegada do governador Eurico Rende.

Depois dos discursos foi efetuado o descerramento das Placas Comemorativas e de agradecimentos, dando oficialmente por inaugurada a nova sede da 1ª/2ª BPM — GCI/C BOM, quando todos os participantes passaram a efetuar a visitação às instalações internas do prédio, dando então por encerradas as solenidades de inauguração, realizando o maior sonho da comunidade colatinense almejado há muito, para maior tranquilidade de seus componentes.

ATIVIDADES DO GRUPO DE COMBATE A INCÊNDIO

Essas são as atividades do Grupo de Combate a Incêndio de Colatina no período de 24 de abril do corrente ano, até a presente data.

No dia 03 de maio, retirada de um cadáver do rio Santa Maria. A vítima tinha sido assassinada e jogada dentro do rio. Dia 06 de maio, contido um princípio de incêndio em uma botija de gás. Dia 20 de maio, contido um princípio de incêndio em uma residência. Dia 29 de junho, apagado dois grandes incêndios em uma região de mato seco.

No dia 12 de julho; fogo em uma barraca localizada no aterro do beirário. O Corpo de Bombeiros levou apenas 3 minutos para conter as chamas. Dia 28 de julho; retirada de 7 pessoas presas entre ferragens de um desastre automobilístico. No dia 29 de julho; incêndio na "Lanchonete e Padaria Favorita", controlado em apenas 10 minutos; dia 03 de agosto; incêndio na fábrica da "Confecções Merpa" e no dia 13 de agosto, incêndio em uma garrafa de acetileno, na oficina "Rei das Baterias".

Além do combate ao fogo, o Corpo de Bombeiros participou da formação de Brigada na Indústria Metalosa.

Apesar de ser considerada uma cidade de porte médio, Colatina, a "Princesa do Norte", possui um restaurante a nível de qualquer capital do País: trata-se do famoso "Restaurante Drink", localizado no Bairro Lacê, na cabeça da ponte Florentino Avidos. "Quem vier a Colatina e não visitar o "Drink", é a mesma coisa que ir a Roma e não visitar o Papa", dizem os seus proprietários, a família Pancieri.

Vamos enfocar um pouco da história do mais tradicional restaurante de Colatina. No ano de 1962, quando a família Pancieri já tinha criado as suas raízes em Colatina, teve-se a primeira idéia de montar um bar. A irmã de Paulo Pancieri, dona "Mocinha" e o seu cunhado, "Paulito", montaram a idéia e surgiu o "Bar Drink's Canaã".

No ano de 1964, logo após a revolução, foi inaugurado o novo "Drink", um bar e restaurante, com novas instalações para atender melhor a sua grande freguesia que já se fazia presente. Na época, como ainda é hoje, o "Drink" era o ponto de encontro de toda a sociedade colatinense. Era onde se realizavam as maiores comemorações da cidade.

Com o passar dos anos o Restaurante "Drink" foi crescendo e seu nome ganhando fama em todo o Estado do Espírito Santo e em todo o Brasil, pela sua famosa lagosta do Rio Doce. Até que no ano de 1975 foram inauguradas as novas instalações, que é hoje o estabelecimento, com 64 mesas, que dão vistas para a bela paisagem do Rio

Doce, tendo ao fundo a cidade de Colatina.

O empreendimento "Restaurante Drink", teve um incentivo total de Antônio Pancieri, um dos chefes da família Pancieri, que tem uma verdadeira paixão pelo estabelecimento: "Era muito bom, ainda na década de 60, quando nas tardes de domingo centenas de pessoas de todas as classes sociais, políticos, comerciantes, empresários, jovens, conversavam animadamente nas dezenas de mesas observando o pôr do sol" — relembra Antônio Pancieri.

O Restaurante "Drink", como sendo o restaurante mais tradicional de Colatina e, também um ponto de referência para quem vem a Colatina, conserva ainda aquele bom atendimento de tempos atrás, a maneira gentil dos garçons, o som ambiental e o seu serviço de cozinha.

O "Drink" ainda mantém um quadro de garçons desde há muito tempo, como por exemplo, Eugênio de Bortolo, o garçon mais popular de Colatina, que trabalha no "Drink" há 12 anos; Isaias Dalcomoni há 10 anos e a cozinheira Helena Genebrin, também há 10 anos.

Além do excelente atendimento, com seus famosos pratos, como lagosta do Rio Doce, Robalo, Cascudo, Camarão Rosa, Filet e Churrascos, o "Drink", segundo o sócio gerente, Carlos Alberto Pancieri e o gerente Wanderley Marcos Cosme, está preparado para atender a aniversários, casamentos e inaugurações.

sado todo o município estava coberto de florestas. Em 1950, segundo a "Enciclopédia dos Municípios", este percentual já havia caído para 49,61%.

— Cheguei a Colatina por volta de 1930, tinha 14 anos e já podíamos notar os sinais de desmatamento. O centro da cidade já era habitado, e também havia as primeiras casas. As ruas eram sem calçamento, mas a cidade já estava num clima de urbanização — relembra o madeireiro João Guimarães.

— Também no ano de 1930 teve início a estrada que liga Colatina a Nova Venécia, sendo que ela teve a sua saída pela região Norte, depois da construção da ponte Florentino Avidos que teve início por volta de 1922. No final de 1930 já existiam 25 quilômetros de estrada. Os seus construtores (Ciro Medeiros e Ciro Pitanga), encontravam dificuldades para continuar os trabalhos, já que a região não oferecia condições necessárias devido a altas montanhas e muitas matas que existiam no local. Por isso o serviço era lento — conta Xisto Machado, que também chegou à cidade no ano de 1930.

ITALIANOS E ALEMÃES

Com a chegada de italianos e alemães, no ano de 1935, o desmatamento começou a se acelerar de tal forma que vários outros núcleos surgiram em regiões diferentes do centro, muitos deles margeando o Rio Doce, que então oferecia condições de navegação.

Chegaram também os madeireiros, que com seus martelos iniciaram uma nova derrubada da mata. Eles começaram abrindo estradas em todas as direções.

O fator que mais influenciou na formação de novos núcleos fora da região central de Colatina foi exatamente a abertura de novas estradas. Em 1938 surgiram as regiões distantes da sede. As primeiras povoações, formadas por italianos e alemães e posteriormente por madeireiros. A princípio surgiu o então hoje distrito de Colatina, Novo Brasil, Governador Lindenberg, Reta Grande, e com o passar dos anos, os madeireiros foram se aventurando e formaram o distrito de São Domingos, que hoje tem sua economia baseada exclusivamente na cultura do café e no pouco de madeira que ainda resta.

— Os madeireiros eram os homens mais aventureiros que conhecíamos. Quando eles chegaram quase tudo era deserto e com muita mata. Depois de passados alguns anos, dezenas de núcleos surgiram, e a mata foi se acabando, pois não existia uma fiscalização que regulamentasse a retirada de madeira de nossa região. Somente quando o Governo sentiu a presença de muitos madeireiros de diversas regiões do País, já que a nossa região era rica, começou a criar reservas florestais. No entanto, a região de Colatina ficou meio esquecida, pois o Governo começou a criação na região Leste — relembra Xisto Machado.

— Naquela época, a indústria madeireira era muito rica. Em toda a região você podia encontrar peroba e jacarandá. Hoje achamos engraçado que naquela época podíamos comprar um metro de peroba até por 25 contos de réis, e com isso muita gente começou a fazer fortuna — disse o madeireiro João Guimarães.

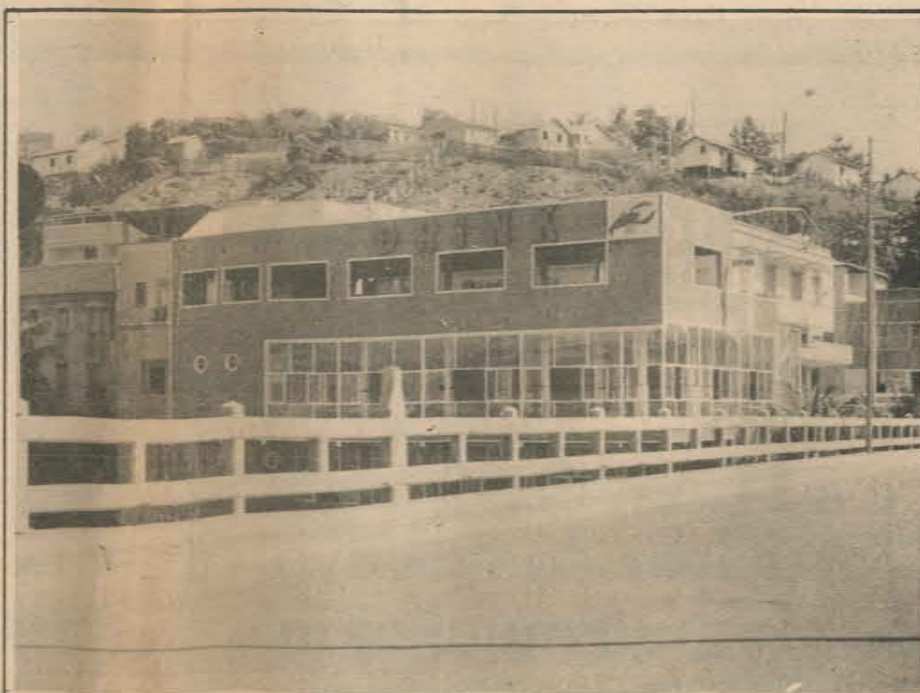
FOGO

Para o cultivo da cultura do café era necessário a derrubada da mata, prática dos italianos e alemães, que colocavam fogo em toda a região, para o plantio de outras culturas e principalmente o café.

Em 1945, a região já era toda urbanizada e habitada. O desmatamento já era verificado em grande escala em toda a região, tanto ao Norte quanto ao Sul do Rio Doce, e já não mais existia aquela mata densa de 1920:— A madeira começou a acabar, e a cada ano ela foi se extinguindo, e quando chegou a década de 60, Colatina estava em plena formação e já não existia mais madeira — conta Xisto.



O novo carro de bombas que serve à comunidade



O restaurante "Drink", na cabeça da ponte